

# ELEMENTOS DO SAGRADO INDÍGENA NA ESCRITA DE PATRÍCIA MELO E GIOVANA MADALOSSO

NATIVE SACRED ELEMENTS IN THE WRITING OF PATRÍCIA MELO E GIOVANA MADALOSSO

## RESUMO

Ao longo do presente artigo é tratado o deslocamento geográfico/cultural/filosófico vivenciado pelas protagonistas de dois romances brasileiros contemporâneos – *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo e *Suíte Tóquio* (2020), de Giovana Madalosso. Ambas narrativas tratam de questões de maternidade, abordadas pelo olhar materno ou filial, da violência sofrida por mulheres e como uma aproximação com um sagrado não ocidental favorece as protagonistas via contatos que essas estabelecem com práticas de comunidades nativas do Norte do Brasil. Nosso foco está em verificar de que forma os elementos sagrados e os rituais com o chá sagrado, o Ayahuasca, levam essas mulheres a conseguirem uma conscientização que permite tratar de fatos que, em São Paulo, em suas culturas de origem, não conseguiam. Verificamos que o afastamento da vida urbana, do trabalho e as organizações capitalistas a ele vinculadas, aqui lido pelo olhar da crítica decolonial e feminista, é fator que permite que as duas protagonistas consigam compreender melhor suas idiossincrasias e desatar alguns nós que antes se apresentavam como emaranhados impossíveis de serem desfeitos.

**Palavras-chave:** *Mulheres empilhadas*. *Suíte Tóquio*. Deslocamento geográfico/filosófico. Nativo sagrado.

## ABSTRACT

This article focus the geographic/philosophic displacement experienced by the protagonists of two contemporary Brazilian novels – *Mulheres empilhadas* (2019), by Patrícia Melo, and *Suíte Tóquio* (2020) by Giovana Madalosso. Both narratives deal with questions related to maternity, from a mother's or child's perspective, social and familial violence and the possible coming to terms with these topics through an immersion in native religious praxis guided by female native spiritual leaders in North Brazil. Our purpose is to verify how those religious rituals, especially the one undertaken with the Ayahuasca tea, help them to leave their previous positions, making both of them more conscious about facts they experienced in their personal or professional relations which were never properly digested. Our reading, from a decolonial and feminist perspective, stresses the importance of the performed displacement by both protagonists so to enter a new philosophical, spiritual world that really help them to come out of their previous state of ignorance and paralysis.

**Keywords:** *Mulheres empilhadas*. *Suíte Tóquio*. Philosophic/religious displacement. Native sacred elements.

---

**Liane Schneider**

Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora do CNPq-PQ2. ORCID: 0000-0002-5476-2065. E-mail: ls@academico.ufpb.br

## Introdução

*E, no que concerne as mulheres indígenas, situamos nestes quinhentos e vinte e três anos uma das maiores violações dos direitos humanos das meninas, viúvas e idosas. Mesmo com todo esse genocídio humano-cultural, nós nos mostramos ainda sobreviventes, guerreiras, oníricas, holísticas e combativas. Sofremos e ainda passamos toda a sorte de opressão, racismo, sistemas ditatoriais, desqualificação de nosso gênero feminino e desvalorização de nossa cultura e espiritualidade.*  
(Eliane Potiguara, 2023)

Ao longo do presente texto discuto dois romances recentes de autoras brasileiras cujos enredos se aproximam pela forma como representam o deslocamento entre dois polos geográfico-culturais dentro do território nacional brasileiro. Enfoco centralmente os efeitos que este deslocamento ocasiona nos enredos e, mais especificamente, na organização subjetiva das protagonistas no que diz respeito às culturas e cosmovisões que compõem suas vidas bem como o tecido narrativo dos textos literários em tela. A fim de delimitar mais claramente do que tratarei, identifico desde já os dois romances, que são: *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, e *Suíte Tóquio* (2020), de Giovana Madalosso.

Essas duas narrativas brasileiras, publicadas no início deste século, arrancam suas protagonistas, que, no início de cada enredo encontravam-se radicadas na cidade de São Paulo, e as deslocam coincidentemente para o Acre, região Norte brasileira, território que só se tornou oficialmente estado oficial e reconhecido do país na segunda metade do século XX, tendo sido alvo de disputa pela Bolívia, Peru e Brasil desde o século XIX. Intrigou-me o fato de as duas autoras levarem suas protagonistas urbanas, ambas residentes na megalópole paulistana, para este espaço específico. E mais, para sua região profunda, para as matas e as comunidades ribeirinhas e nativas.

Na verdade, não são apenas os pontos de partida e de chegada das protagonistas que coincidem. Ambas vivenciam experiências marcantes nas aldeias indígenas que visitam, participando de cerimônias com o cipó sagrado, o Ayahuasca ou Santo Daime, bebida preparada por aqueles povos nativos para suas cerimônias religiosas. Ambas são impactadas espiritualmente pelo mergulho nas práticas performatizadas nos espaços que adentram. O que pretendemos analisar neste momento é o impacto de tais imersões em cosmovisões outras, segundo as quais a magia e o onírico fazem parte do que se pensa e se planeja para a vida em relação ao passado, ao presente e futuro.

## O tecido narrativo de Melo e Madalosso entre São Paulo e Acre

Patrícia Melo, reconhecida autora brasileira, autora de mais de uma dezena de livros, vários deles premiados, dispensa maiores apresentações. Conhecida como autora frequentemente interessada na temática da violência, principalmente a urbana,

continua tratando desse tema, mas em *Mulheres empilhadas* a violência discutida tem forte marca de gênero – o romance trata de incontáveis casos de feminicídio, segundo Melo, seguindo a proposta que suas editoras lhe apresentaram ao propor o livro – que a temática fosse livre, mas que centrasse em questões ligadas às mulheres. A autora ao longo da narrativa justapõe a ficção – através de personagens que sofrem violências de toda a ordem tanto no local de origem da protagonista, no estado de São Paulo, como no novo local para o qual essa se desloca a fim de cobrir processos da justiça acreana – com mulheres do mundo real, nomes que, nós, leitoras, reconhecemos dos noticiários policiais brasileiros. Doze dos capítulos do livro tem como uma espécie de epígrafe casos reais, bastante noticiados de feminicídios ocorridos recentemente no Brasil. São pilhas e pilhas de mulheres expostas a situações que acabam exterminando suas vidas, através de mãos masculinas guiadas por lógicas machistas e obsoletas, tanto no plano da ficção do romance, quanto na inserção nesse de dados reais.

A protagonista não nomeada de *Mulheres empilhadas* é uma advogada paulistana que acaba instalando-se no Acre a fim de acompanhar julgamentos em série sobre assassinatos de mulheres ocorridos naquele estado. Neste momento e texto, nos interessa o encontro com o elemento mágico/religioso apresentado ao longo do romance, o Acre e suas aldeias, que acabam representando uma oportunidade para a imersão da protagonista em outra cosmovisão; também de nós mesmas, leitoras e leitores, em um outro mundo de significados e práticas.

Giovana Madalosso, apesar de escrever e publicar há menos tempo, se comparada à produção literária de Patrícia Melo, também possui diversos livros premiados no Brasil. Em *Suíte Tóquio* trata centralmente das relações entre uma mulher, Fernanda, que exerce sua profissão com sucesso e que enfrenta dificuldades gigantescas ao tentar exercer a maternidade. Nesse contexto, apesar de apresentar um marido/pai mais presente no ambiente doméstico do que a mãe, na verdade fica óbvio que o setor dos afetos é coberto, no que diz respeito à criança, por Majú, a babá da Cora. Essa funcionária torna-se polo importante da narrativa, representando as relações contraditórias entre mulheres e entre o público e o privado, aqui muito misturadas e com sérias implicações na vida de todas personagens.

## **Mulheres e a maternidade, afetos e profissão: um nó antigo**

As duas narrativas que enfocamos, de Melo e Madalosso, dão destaque à figura materna, quer do ponto de vista da mãe, quer da filha e sempre problematizando as normatizações e idealizações praticamente impostas quanto a esse lugar do cuidado e do amor incondicional. Em *Mulheres empilhadas*, de Melo, temos uma mãe vítima da violência doméstica e feminicídio em um passado remoto, que ressurgiu via memórias reconstruídas pela filha, agora protagonista da narrativa, mulher adulta, que busca entender os fatos ocorridos quando era criança, memórias essas que retornam através da exposição ao tema da violência de gênero via julgamentos que decide acompanhar

no Acre. Essa protagonista, pouco antes de aceitar o trabalho naquele estado nortista, também foi exposta à violência em um relacionamento que se prenunciava como abusivo, um dos motivos pelos quais aceita a proposta da mudança temporária de residência.

Em *Suíte Tóquio* a protagonista é quem tenta resolver seu papel na relação com a filha, com o casamento, o emprego, a vida privada e seus impactos para além dessa esfera. Portanto, uma das protagonistas é filha, a outra é mãe, e ambas, nos contatos que estabelecem no Acre com as cerimônias sagradas do cipó, buscam desembaralhar os fios que enredaram suas vidas até então. As duas protagonistas têm as vidas cortadas pelo capitalismo fortemente estabelecido e operante nas grandes cidades, que pouco conhecimento toma da particularidade de seus trabalhadores, de suas periferias, de pessoas que exercem tantos subempregos a fim de que outras possam buscar alguma realização profissional e/ou financeira. Como aponta a teórica Françoise Vergés em seu livro *Uma teoria feminista da violência* (2021, p. 11),

[A] renovação patriarcal está indissolúvelmente ligada ao capitalismo neoliberal, que não para de minar as conquistas sociais, de uberizar e precarizar. Essa economia, por si só, gera sua cota de violências, discretas, mas reais: exaurimento dos corpos, da terra e dos mares em benefício do lucro.

Em *Suíte Tóquio* é exatamente esse formato social/econômico que rege as relações entre a mãe e a babá de Cora. Todas ali se sentem exploradas e a criança sobra dentro de casa, na escola, na praça, na fuga ou sequestro planejado pela babá. Ao buscar respirar fora desse modelo sufocante de família e emprego, permitindo-se uma relação extraconjugal com uma colega de trabalho que estará temporariamente no Brasil, Fernanda, a mãe da criança, também busca um respiro fora de São Paulo, para além da sua carreira de sucesso e longe da relação desgastada que tem com o marido.

## Saberes possíveis na decolonialidade

No caso das duas protagonistas nos romances enfocados, essas não planejaram o encontro quer com a aldeia indígena que acabam conhecendo, quer com a bebida sagrada e os rituais que lhes são apresentados. Em *Mulheres empilhadas*, a protagonista mal chega ao Acre e já engata em um flerte com Marcos, filho de uma indígena aldeada. É Marcos quem a leva para o meio da mata, para a aldeia de sua mãe, onde a protagonista mergulha por diversas vezes nos rituais do chá, estabelecendo uma profunda relação com a pajé do grupo, que se empenha em ajudá-la a lembrar e tratar dos traumas da infância. Seu trauma pessoal, além disso, dialoga com o trauma da violência vivida por tantas outras mulheres, as “mulheres empilhadas” que ela organiza num caderninho de notas ao longo de sua visita ao Acre; além disso, a advogada

se choca com um caso de violência vivida por uma jovem indígena, estuprada e assassinada por três rapazes daquela localidade, crime que se torna símbolo de todos os outros em outros estados e contextos do país.

Já Fernanda, de *Suíte Tóquio*, vai ao Acre a convite da mulher por quem se apaixonou e com quem teve uma primeira vivência homoafetiva, Yara, filha de pesquisadores da área da Antropologia, que desde criança frequentava comunidades ribeirinhas do Norte brasileiro, tendo intimidade suficiente com as culturas nativas acreanas para levar Fernanda até lá fim de vivenciar tais experiências sagradas em segurança.

As duas narradoras, mesmo estando, na maior parte do enredo, no Acre, estado nortista e fronteiro do Brasil, impressionam-se com a viagem de avião, carro e barco até o coração da mata; enfim, tomam consciência do grande distanciamento entre seus lugares de origem, geográfica e filosoficamente, e os locais que habitam temporariamente. Entendemos que certa modificação interna já está em processo desde que decidiram aceitar o convite para conhecer tais locais e culturas afastadas do ambiente paulistano. Em *Mulheres empilhadas* e em *Suíte Tóquio* essa imersão cultural deriva de questões não apaziguadas na metrópole em que viviam e para as quais buscam alguma solução alternativa a partir do deslocamento que vivenciam.

Causa surpresa o fato de que dois romances publicados por autoras brasileiras de forma quase concomitante, ou seja, um de 2019, outro de 2020, tenham se voltado a essa temática – do encontro com culturas nativas e a forma como tais grupos lidam com o sagrado e seus aspectos dos saberes e crenças vivenciadas em modelos estabelecidos séculos antes das colonizações europeias nas Américas. Portanto, as duas narrativas destacam um Brasil de conhecimentos e práticas que existem e persistem, apesar de tantas alterações que ocorreram na face mais urbana do país, inegavelmente graças aos novos hábitos que foram se impondo pós-contatos.

Vale lembrar que as duas autoras enfocadas não são indígenas, mas dão destaque a vivências culturais/religiosas no contexto dos saberes dos povos originários como possíveis saídas e/ou sinais de esperança, de cura individual ou coletiva para mulheres ainda sempre marcadas por instâncias de violência de toda a ordem. Aproximamos essas duas obras através de uma leitura comprometida com os feminismos deste século em suas vertentes progressistas – o decolonial, indígena, latino-americano, lentes críticas que buscam destacar e desatar os emaranhados que compõem as tramas, neste caso, tendo por base uma construção de culturas diversas justapostas.

Sonia Alvarez e Claudia Lima Costa (p.183), em artigo sobre o feminismo e a decolonialidade na América Latina, apontam que “o pensamento feminista hegemônico no Brasil ignorou a cultura e, principalmente, seus desdobramentos políticos”, argumentando que apenas nos anos 2000 a “cultura voltou ao primeiro plano”, algo que, segundo as mesmas, difere bastante dos desdobramentos feministas na América do Norte.

De fato, a cultura passa, neste século XXI, a ser destacada pelos discursos feministas, marcando presença também na literatura e nas artes em geral produzidas por diversos grupos étnicos, geralmente por um viés transcultural. “A imbricação

cultura, poder, política, está no centro da virada feminista”, bem observam Alvarez e Costa (p.195). Com o propósito de discutirmos conceitos como mulheres, sociedade, religiosidade, violência e justiça é fundamental um debate sobre como culturas específicas organizam o poder e a política em detrimento de alguns de seus sujeitos sociais. Os dois textos literários que enfocamos aqui tratam exatamente de construções das relações de poder atravessadas pela cultura e por interpretações de gênero diversas. Tratam da violência, encarando-a por uma lente centralmente interessada na diferença cultural, com a valorização do que esteve por séculos desvalorizado aos olhos ocidentais.

O romance de Patrícia Melo recria a violência explícita, que se volta contra os corpos das mulheres das mais diversas classes sociais em consequências de relações de poder muito desiguais entre os sexos, o que é analisado principalmente a partir do Acre, estado geograficamente bastante distante do dito eixo central brasileiro, o Sudeste, via pilhas e pilhas de situações de violência registradas. O texto de Giovana Madalosso trata da violência enfrentada pelas trabalhadoras domésticas, pelo esgotamento físico e mental de empregadas domésticas, da falta de horas vagas, do lazer que nunca chega, e também da opressão de uma mulher pela outra – da babá oprimida pela patroa, da patroa, que não cabe nas definições de mãe a que tem acesso.

Nas duas narrativas, a cidade de São Paulo serve como microcosmo urbano, cidade que expulsa quem precisa buscar sentido para sua existência para além do enredo do sucesso capitalista. O elemento mágico/religioso só aparece a milhares de quilômetros dali, quando essas mulheres se embrenham mata adentro, tomam um chá preparado como parte de um ritual religioso, que as vira literalmente do avesso. Elas regurgitam, dançam, cantam e rememoram o que não lembravam mais.

Quando Fernanda, de *Suíte Tóquio*, pisa em terras do norte do Brasil pela primeira vez, considera: “Eu nunca tinha estado no Acre. Logo senti que era outro mundo, pelo cheiro da floresta, pelo calor que não arrefece nem noite adentro” (MADALOSSO, p.111). E esse era apenas o começo de sua viagem – dali se deslocaria de barco por várias horas ao longo do rio até a aldeia. Shakuna, amiga de infância de Yara, sua atual amante, as conduziu ao longo da cerimônia do cipó, cuidando de Fernanda em sua primeira experiência de ingestão do Ayahuasca. Fernanda acaba tendo visões de si na infância, de sua filha, enfim, muito do que gira em torno desse papel que lhe parece tão difícil e sofrido – o de mãe. Depois de horas dançando com os aldeados, diz: “Levada pela música, fui sentindo que a barreira entre mim e as pessoas e as plantas e a lua se desintegrava. E sendo tudo, eu não era mais eu. E não sendo mais eu, não sofria tanto. Foi a experiência mais próxima que tive do divino, algo que nenhuma religião com todo o seu esforço litúrgico tinha conseguido me oferecer” (MADALOSSO, p. 119).

A protagonista de Patrícia Melo ouve de Marcos que existem vários estados – “o sólido, o líquido, o gasoso e o Acre” (p. 79) e ela considera que se “sentia (..) bem naquele clima, com aquela natureza, aqueles aromas da mata” em sua volta, naquele mundo que conheceu ao chegar em Cruzeiro do Sul (p.79). Como Marcos destaca, não devia ser mera coincidência que exatamente naquele ponto da Terra existisse uma forte tradição xamânica associada ao uso do Ayahuasca, que permitia que se

conversasse com Deus e com os mortos. Em uma das primeiras experiências que teve com o chá sagrado, a protagonista de Melo encontra-se com Zapira, responsável pela cerimônia e comenta:

(...) Zapira me explicou que a bebida nos abria muitos olhos, não olhos iguais aos nossos, que veem pedras e homens e bichos, são outros olhos, disse ela, olhos que veem o que está escondido, o avesso, o invisível, olhos que veem dentro do grão, do pensamento, dentro do céu, do buraco da noite, e também gente morta e espíritos, a menina tem que saber que vai vomitar, e isso é bom, deitamos para fora o que não presta, os feitiços, as zangas, e enguiços, a menina quer beber carimi? (Melo, 2019, p.65)

Após várias cerimônias com o chá, falando com mulheres em sonhos, a protagonista de Melo passa a se apresentar da seguinte forma: “sou da Liga das Mulheres das Pedras Verdes”. Sente-se protegida como parte desse grupo, o qual passou a contatar em seus processos cerimoniais com o chá, apesar de reconhecer que sua proteção era frágil, pois todas as mulheres estavam sob ameaça devido à lógica sexista e agressiva que impera transnacional e transculturalmente. O único sinal de esperança vem através do sagrado, ressignificado ou não, acessado direta ou indiretamente. Além disso, neste livro específico, Melo, que sempre disse escrever por trilhas solitárias, aqui constrói uma seção de agradecimentos bastante longa, dando nomes àquelas e aqueles sem os quais o texto não seria possível. Com certeza, não apenas por *Mulheres empilhadas* ser um livro que difere dos anteriores de Melo, tanto por temática e espaço enfocado, quanto por apresentar uma protagonista envolvida em questões de culturas nativas do Brasil, com as quais a autora provavelmente não tinha intimidade, sentindo, assim, necessidade de dar nome aos que representaram um suporte fundamental na escritura da narrativa: editoras, amigas, antropólogos/as, historiadores/as, indígenas. Talvez algum senso de comunidade e coletividade, ainda que temporárias, marcou o livro como um todo e se espalhou por outras seções do romance, como nos Agradecimentos.

De fato, em entrevista realizada com Patrícia Melo no dia 7 de abril de 2021 pelo Grupo de Pesquisa GEFIS, da UERJ, com duração de 95 minutos, ao ser perguntada sobre essa escolha específica, do porquê essa narrativa teria lugar na região Norte, no Acre, conforme pode ser conferido no YouTube do GEFIS, Patricia Melo respondeu o que segue:

O Acre surgiu como uma solução estratégica – ali você tem a mulher dos povos ribeirinhos, das cidades, Cruzeiro do Sul, Rio Branco, rural, tem as mulheres brasileiras; além disso, o Acre me dava essa floresta como brinde. Há um ditado do Suriname que diz que a floresta traz respostas para perguntas que ainda não fizemos. O Acre veio com a floresta, como um sonho, e a floresta é uma personagem do livro. Quando se fala da floresta, tudo muda; o homem da cidade

tem prepotência de se achar a medida para o mundo, ele mede o mundo de acordo consigo. Quando entra na floresta, se percebe que se perdem as medidas, que não somos medida para nada. Essa personagem de São Paulo cai nessa grandiosidade da floresta, vê que não é nada, é parte de algo muito maior, inclusive sendo parte da história da violência. Isso teve muito importância como contrapeso dessa violência, da reconstrução da identidade, superação, perdão, redenção e a floresta é a metáfora perfeita disso tudo. O Acre foi estratégico nisso tudo.

Ao longo de *Mulheres empilhadas*, a voz narrativa de Melo nos informa que o estado do Acre tinha sido tomado desde o século XIX por seringueiros violentos, sendo que o que pôs fim ao ciclo de mortes naquela fase de invasões foi o “renascimento da aldeia como um povo da floresta, com suas crenças, sua língua e sua cultura” (MELO, p.166). De fato, nos dois romances as cerimônias, danças, cânticos e brincadeiras se organizam ao longo de ritos nativos sagrados, apontando caminhos mais promissores do que os da lógica capitalista nua e crua predominante em São Paulo, cidade onde as protagonistas residem. Essa inserção de temáticas nativas em obras de autoras não-indígenas, como Melo e Madalosso, demonstra que, nos anos mais recentes, a produção artística-literária brasileira vem fazendo também seu giro, buscando focar mais o local, o que pertence às Américas e suas cosmovisões, olhando para o que não esteve no centro cultural da nação ao longo de séculos. Daí a importância de ser dada visibilidade, através da literatura, tanto por parte de autores e autoras indígenas, como brasileiro e brasileiras de outros grupos étnicos, a paradigmas diversos, diferentes formas de ver e compreender o mundo em que vivemos e que também é múltiplo desde sempre. Eliane Potiguara (2023, p.17), escritora e ativista indígena brasileira, destaca em seu último livro um desejo coletivo:

Queremos invocar o olhar sábio das mulheres indígenas na construção do mundo mágico, místico e holístico de nosso cotidiano e transmitir às novas gerações. Esse olhar, contar e viver fazem parte da sabedoria natural e ancestral feminina. A mulher indígena retrata essa realidade pela oralidade no seu dia a dia, dialogando com os seus, mesmo em um mundo genocida e opressor.

## Considerações finais

Ao final deste artigo, vale lembrar que o estado do Acre tem sua população composta por quatorze povos indígenas e, mesmo que essas comunidades tenham, de fato, se desestruturado a partir do ciclo da borracha do século XIX, mais recentemente tais populações têm se fortalecido novamente por suas próprias bases culturais, apesar de inúmeros atropelos da política nacional ao longo dos tempos. Em *Mulheres empilhadas*, é sugerido que o assassinato e estupro da jovem indígena por três homens

brancos, um processo que não evoluía nos caminhos judiciais oficiais, teria sido vingada de um modo mágico, com presença de elementos oníricos, dessa forma escapando às pilhas de casos policiais sem solução. Em *Suíte Tóquio* o divino que impacta a vida de Fernanda só consegue tomar forma dentro da mata, momento em que ela se permite brincar, dançar, cantar e amar de forma livre. O Acre, como espaço alternativo à megalópole urbana, aparece como oportunidade para que as duas protagonistas se percebam, de forma inaugural, fora e longe de suas vidas, sempre determinadas por bens de consumo, relações formais de trabalho e família, que embotavam qualquer experiência sensorial capaz de lembrá-las de seus potenciais de reação e mudança.

Jace Weaver (1997), especialista em literaturas e culturas indígenas estadunidenses, na Introdução ao seu livro *That the people might live* aponta que os povos indígenas, dos quais faz parte, sempre duvidaram da teologia, pois, ao contrário das tradições judaico-cristãs, as religiões nativas não eram, em primeira instância, religiões teológicas, mas sim, “rituais de observação”, onde compreender o espaço que nos cerca interessa mais do que o tempo linear, que pretende organizar o “todo”. De fato, as protagonistas dos dois romances em tela buscam compreender momentos de violência ou tensão que cortaram suas vidas através de uma capacidade de observação estimulada pelo ritual do chá, guiado por pajés-mulheres, em mãos de quem se sentem seguras. Weaver (1997, p. 28) ainda salienta que, por não separarem as esferas sagradas e seculares, as visões de mundo nativas continuam envolvendo o mais profundo sentido do ser e englobando a vida, a existência e as identidades de suas tribos ou aldeias. Ainda que ele estivesse se referindo à América do Norte, acreditamos que suas observações também se apliquem com propriedade ao contexto da América do Sul.

Podemos considerar que, ainda que as duas autoras não sejam membros de comunidades indígenas, o fato de Melo e Madalosso destacarem o ambiente nativo como lugar promissor, aponta novos rumos de se pensar esse continente para além de modelos que não mais dão conta do que se deseja para tantas viradas que se fazem necessárias – no que diz respeito às mulheres, aos brasileiros, aos latino-americanos em geral e aos indígenas, em particular. Para além de pensar nas forças decoloniais que podem estremecer os alicerces de poderes impostos segundo ordens econômico-políticas firmemente estabelecidas há séculos, a reação é estimulada e vista como possível, estando em sintonia com o “direito à autodefesa”, como defendido pela feminista Elisa Dorlin. Tal direito à defesa – pessoal, coletiva, comunitária – está presente nos dois romances, principalmente em *Mulheres empilhadas*, quando, através de elementos narrativos ligados ao sagrado e/ou mágico, certa noção de equilíbrio volta a ser estabelecida, sugerindo que, em alguns contextos, vingar significa reequilibrar forças na busca por justiça.

Para além disso, do combate constante à violência cotidiana contra a mulher, é importante alimentar e consagrar espaços onde a liberdade dessas possa ser estimulada e apoiada, em toda sua diversidade. Cito, da introdução ao livro *Esperança feminista*, de Debora Diniz e Ivone Gebara (2022, p.19), o que segue, como inspiração para leituras

da literatura, da cultura e religiosidade por prismas menos redutores nos que diz respeito às mulheres:

Não deveria ser normal que as mulheres fossem livres? Tristemente, há mais sobre o que nos inquietarmos nesta pergunta – que *nós* se imagina na ideia plural de *mulheres*? Nossa diversidade foi feita desigualdade com as heranças racistas, coloniais, e pelas diversas formas de capitalismo que se sucederam. Já estamos atrasadas na imaginação de um feminismo mais diverso e inclusivo, em que os movimentos de mulheres negras, mulheres atípicas e trans estejam na rica cacofonia sem um centro dominante. A esperança feminista não pode temer a diversidade, e se falamos em feminismo no plural é porque este livro é a prova de que encontros entre territórios de pronúncia são necessários e possíveis. Somos feministas que conjugam verbos para a construção de uma desobediência criativa ao patriarcado e suas tramas.

Quando duas renomadas autoras brasileiras optam por tratar de temáticas que são do interesse central das mulheres, como é a questão da violência de gênero e da opressão e discriminação econômica, e, para tanto, passam a mergulhar em culturas e crenças outras, no caso, de populações nativas ribeirinhas do Acre, alimentando suas construções literárias a partir do encontro entre o universo urbano, paulistano, e esses outros universos, com outras formas de organização de vida e sociedade em locais descentrados, podemos ousar continuar tendo esperanças – de que o feminismo, sempre pluralizado, possa continuar conjugando tantos verbos como sugerem Diniz e Gebara em seu recente livro, e ainda outras conjugações verbais ainda mais efetivas possam ser implementadas e praticadas.

## Referências

ALVAREZ, Sonia E. & COSTA Lima, Claudia. “Dos estudos culturais ao pensamento descolonial: intervenções feministas nos debates sobre cultura, poder e política na América Latina”. In: GONÇALVES, Christiane Ribeiro & ROCHA, Marcos Antonio M (Org). **Feminismos decoloniais e outros escritos feministas**. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2019.

DINIZ, Debora & GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Ed Rosa dos Tempos, 2022.

DORLIN, Elsa. *Autodefesa: uma filosofia da violência*. Tradução Jamille Pinheiro Dias; Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

**GEFIS** (Grupo de Estudos Feministas e Interseccionais). Letras no Feminino com Patrícia Melo. Entrevista no YouTube em 07/04/2021, duração de 95 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7-puX52lTto&t=1s>. Acesso em 20/07/2023.

**MADALOSSO**, Giovana. **Suíte Tóquio**. São Paulo: Ed. Todavia, 2020.

**MELO**, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Ed. Leya Brasil, 2019.

**POTIGUARA**, Eliane. **O vento espalha minha voz originária**. Rio de Janeiro: Edições Grumin, 2023.

**VERGÊS**, Françoise. **Uma teoria feminista da violência**. São Paulo: Ed. UBU, 2021.

**WEAVER**, Jace. **That the people might live: Native American literatures and Native American community**. New York, Oxford University Press, 1997.

Recebido em 24/10/2023.

Aceito em 25/11/2023.